Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v38i146.967
ESTUDOS BÍBLICOS

Jerusalém, cidade dos profetas

Jerusalem, city of the prophets

Cláudio Vianney Malzoni*

Doutor em Ciências Bíblicas (Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalem) e Mestre em Ciências Bíblicas (Pontifício Instituto Bíblico de Roma). Docente na Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil.

cvmalzoni@hotmail.com

Recebido em: 04/12/2021

Aprovado em: 20/07/2022

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

No século VIII a.C. e no século VI a.C., viveram em Jerusalém três grandes profetas: Isaías, Jeremias e Ezequiel. Para traçar uma linha que alcance essas três figuras, será usada a metáfora da vida, morte e ressurreição. Isaías, com seus oráculos de que o Senhor protegerá Jerusalém, representa o momento da vida; Jeremias, que testemunhou a destruição de Jerusalém pelo exército babilônio, representa o momento da morte; Ezequiel, com seus anúncios da reconstrução de Jerusalém, o momento da ressurreição. O objetivo é mostrar como eles participaram ativamente da vida da cidade, exercendo sua atividade profética diante dos reis e de todo o povo. A metodologia é essencialmente a da pesquisa bibliográfica. O ponto de partida foram as perguntas deixadas por um artigo de Gonçalves (1995), de modo especial a de onde vem a motivação para a atuação política dos profetas. Ao final, chega-se à conclusão de que essa motivação vem da experiência de Deus que eles fazem em suas vidas, que lhes permite ver o contexto em que vivem com os olhos de videntes de Deus.

Palavras-chave: culto. religião. sapiência. teologia da retribuição.

Abstract

In the 8th century BC and in the 6th century BC, three great prophets lived in Jerusalem: Isaiah, Jeremiah, and Ezekiel. To draw a line that reaches these three figures, the metaphor of life, death and resurrection will be used. Isaiah, with his oracles that the Lord will protect Jerusalem, represent the moment of life; Jeremiah, who witnessed the destruction of Jerusalem by the Babylonian army, represent the moment of death; Ezekiel, with his announcements of the rebuilding of Jerusalem, the moment of resurrection. The objective is to show how they actively participated in the life of the city, exercising their prophetic activity before the kings and all the people. The methodology is essentially that of bibliographic research. The starting point was the questions left by an article by Gonçalves (1995), especially this one: where the motivation for the political action of the prophets comes from? In the end, it is concluded that this motivation comes from the experience of God that they have in their lives, which allows them to see the context in which they live with eyes of seers of God.

Keywords: worship. religion. wisdom. retribution theology.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

No conjunto formado pelos livros de Samuel e dos Reis, a cidade de Jerusalém ganha destaque, primeiramente como capital do reino unificado de Israel e, após a divisão dos dois reinos, como capital do reino de Judá. Nela, em momentos distintos, viveram os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel. Vivendo em contextos históricos diferentes, cada um se posicionou de maneira própria nesses diferentes contextos.

De acordo com 2Sm 5,6-12, a cidade de Jerusalém era habitada pelos jebuseus, tendo sido tomada por Davi quando passou a ser rei do reino unificado de Israel e Judá, transformando-a na capital do reino. Para lá, transferiu a arca da aliança (2Sm 6). Foi, no entanto, Salomão, seu filho e sucessor, que empreendeu a construção do Templo em Jerusalém (1Rs 6).

Quando Senaquerib, general assírio, invadiu Judá, em 701 a.C., a cidade de Jerusalém foi sitiada, mas não chegou a ser atacada (2Rs 18,17–19,37). Nessa época, Isaías vivia em Jerusalém (2Rs 19,1-8). Tempos depois, a cidade voltou a ser sitiada, desta vez pelo exército babilônio comandado por Nabucodonosor. Foram duas as ocasiões em que a cidade foi sitiada por Nabucodonosor, a primeira em 597 a.C. (2Rs 24,10-16); a segunda em 586 a.C., quando a cidade foi arrasada (2Rs 25). Nessa ocasião, viviam na cidade os profetas Jeremias e Ezequiel. Este foi levado com os deportados da primeira deportação (Ez 1,1-3); aquele permaneceu entre os que foram deixados no país, até que acabou sendo levado para o Egito pelos que para lá fugiram por temor de mais represálias da parte de Nabucodonosor (Jr 40,1–43,7).

Com a derrota dos babilônios para os persas e o edito de Ciro, rei da Pérsia, que permitia a volta dos exilados, muitos voltaram e começaram a reconstruir Jerusalém, suas muralhas, casas e o Templo (2Cr 36,22-23; Esd 1,1-4).

A história de Jerusalém continuou pelos séculos seguintes, até os dias atuais. Jesus também esteve ali e profetizou que não convinha que um profeta perecesse fora de Jerusalém (Lc 13,33).[1] Contudo, para o que importa no momento, será feito o recorte de um período da história da cidade: do início da pressão do império Assírio sobre Judá até o anúncio da possibilidade de retorno dos que foram exilados pelo império Babilônio, ou seja, do século VIII a.C. ao século VI a.C., ou ainda: do tempo de Isaías ao de Jeremias e Ezequiel.

Para tratar desse tema, será usada uma metáfora, a da vida, morte e ressurreição de uma cidade. Isaías, com seus oráculos de que o Senhor protegerá Jerusalém, representará o momento da vida. Jeremias, que testemunhou a destruição de Jerusalém pelo exército babilônio, representará o momento da morte. O momento da ressurreição será representado por Ezequiel, com seus anúncios da reconstrução de Jerusalém.

A finalidade do presente texto é sublinhar a atuação política desses três profetas, o que, em si, não é novidade. Os livros históricos e os livros proféticos mostram a todo momento como a atuação dos profetas sempre teve um cunho político. A questão então é deslocada para aquela de como compreender a atuação política dos profetas e, de modo especial, de onde eles tiravam as motivações para essa atuação. Certamente que se pode responder que, em última instância, era do relacionamento único que tinham com aquele que os chamou para a missão profética. No entanto, ainda permanece a

[1] As referências a textos bíblicos bem como as citações de textos bíblicos foram feitas conforme a Bíblia de Jerusalém (2002).

questão uma vez que, diante de situações muito semelhantes, Isaías, Jeremias e Ezequiel não atuaram da mesma maneira. Como então fizeram o discernimento das situações de modo a verem o que outros não viam? Vale, recordar, inclusive, que as palavras vidente e visionário também fazem parte do vocabulário típico do profetismo bíblico.

O presente texto toma como ponto de partida o artigo *Isaïe, Jérémie et la politique internationale de Juda*, de Francolino Gonçalves, professor de profetas da Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém, e pretende ser, ao mesmo tempo, uma homenagem a seu autor. O referido artigo foi publicado em 1995, em *Biblica*, revista do Pontifício Instituto Bíblico. Nesse artigo, Gonçalves se pergunta sobre as posições tomadas por Isaías e por Jeremias quando do cerco à cidade de Jerusalém, respectivamente, pelo exército de Senaquerib e pelo de Nabucodonosor. Já no presente texto, também foi incluída a figura de Ezequiel. Além disso, a pergunta pela atuação desses profetas já não é específica sobre suas posições quanto à política externa dos reis de Judá de seu tempo, mas também inclui a atuação deles em termos de política interna tanto em face do rei, quanto diante do povo. Dessa vez, vale recordar o princípio de que quanto mais amplo o campo da pesquisa, mais genéricos são seus resultados. Em outras palavras: apesar de tomar como ponto de partida o artigo citado, este texto não pretende ter a mesma acuidade que o do grande mestre.

2 Isaías e a vida em Jerusalém em seu tempo

Em seu conjunto, o livro de Isaías se refere a três épocas diferentes:

a) Is 1–39 – século VIII a.C.;
b) Is 40–55 – tempo do fim do exílio, século VI a.C.;
c) Is 56–66 – depois do exílio.

Aqui, é levada em consideração apenas a primeira parte do livro, isto é, a atuação e os oráculos do assim chamado Proto-Isaías ou, simplesmente, Isaías (Is 1–39).

Isaías viveu em Jerusalém durante os reinados de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias (Is 1,1). É um longo período que vai, aproximadamente, de 740 a 700 a.C. Além do livro que leva seu nome, Isaías também é mencionado em 2Rs 19–20. A respeito de sua biografia, pode-se colher os seguintes dados:

a) Seu pai se chamava Amós (Is 1,1), que não deve ser confundido com o titular do livro de Amós;
b) Ele era casado e sua esposa é chamada de profetisa (Is 8,3). Eles tiveram dois filhos aos quais deram nomes simbólicos: Sear-Iasub (= um resto voltará, Is 7,3), e Maer-Salal Has-Baz (= pronto saque próxima pilhagem, Is 8,3);
c) Isaías tinha um acesso relativamente fácil junto ao rei (Is 7,3; 38,1). Seria ele alguém de posição social elevada? É possível que sim;[2]
d) Ele reuniu em torno a si um grupo de discípulos (Is 8,16) que deve ter sido responsável pela memória e transmissão de seus oráculos;

[2] Segundo uma tradição rabínica, Amós, pai de Isaías, era irmão do rei Amasias (2Rs 14,1-22), o que explicaria seu acesso mais fácil à presença do rei (MARTIN-ACHARD, 1992, p. 97).

e) Segundo um relato extrabíblico chamado *Ascensão de Isaías*, Isaías teria sido martirizado no tempo do rei Manassés, sucessor de Ezequias. Ele teria sido serrado ao meio (ver Hb 11,37).[3]

No capítulo 6 do livro de Isaías, está o relato de sua vocação. Esse relato é dado em forma de autobiografia, mas é mais que isso; nele, está sintetizado o núcleo da mensagem de Isaías (SICRE DÍAZ, 2008, p. 111-112). De acordo com Sicre (2008, p. 112), o relato pode ser dividido em três partes:

a) Visão inicial (Is 6,1-5): Isaías conta sua visão da glória de Deus. Na visão, Deus aparece como um rei em sua corte, e o Templo é seu palácio. O conjunto serve para mostrar a majestade, a soberania e a santidade de Deus (SICRE DÍAZ, 2008, p. 112);
b) Purificação (Is 6,6-7): Os lábios de Isaías são purificados como sinal de que toda sua pessoa foi purificada: "tua iniquidade está removida, teu pecado está perdoado" (Is 6,7cd). Ele se torna apto para ser escolhido para a missão (SICRE DÍAZ, 2008, p. 113);
c) Missão (Is 6,8-13): de acordo com Sicre Díaz (2008, p. 113), o gênero literário utilizado aqui é o de "encargo de uma missão difícil", à qual Isaías se apresenta para ser enviado: "Eis-me aqui, envia-me", mesmo sem saber para quê. Isaías recebe sua missão: obcecar o coração do povo, endurecer seus ouvidos e fechar seus olhos, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, não compreenda com o coração, de modo que não se converta e seja curado. Sua última pergunta: "até quando?" (Is 6,11a), é a pergunta pela finalidade da missão, que é formar um resto santo para YHWH.

Isaías exerceu essa missão durante muito tempo, tendo proferido seus oráculos para reis, para o povo e para seu círculo de discípulos. De acordo com Alonso Schökel e Sicre Díaz (2004, p. 109): "[n]o que se refere ao conteúdo, a mensagem de Isaías abrange dois grandes pontos: o problema social, durante os primeiros anos de sua atividade, e a política, a partir do ano 734". Contudo, não é fácil situar os oráculos de Isaías, uma vez que nem todos vêm identificados quanto à ocasião em que foram proferidos.

A primeira fase da atividade de Isaías é a dos reinados de Ozias e seu sucessor Joatão. É um tempo de prosperidade. A cidade de Samaria, em Israel, ainda não havia sido destruída pela Assíria. Em Jerusalém, a classe alta queria viver à moda da Samaria. Isaías denuncia o que esse projeto tem de fútil e sua pregação, nessa primeira fase, se parece muito à pregação de Amós. Seu tema fundamental também é a justiça, mas ele insiste, mais do que Amós, na separação que ocorreu entre o culto e a vida. Os principais oráculos dessa fase seriam contra a hipocrisia do culto (Is 1,10-20); contra os que praticam a injustiça em Jerusalém (Is 1,21-28); contra os governantes que desencaminham o povo (Is 3,1-15); contra o luxo das mulheres da alta sociedade (Is 3,16-24). Também seriam dessa fase o cântico da vinha (Is 5,1-7) e uma série de maldições que vêm na sequência (Is 5,8-24). Dessa fase, também há alguns oráculos de salvação, como aquele de Is 4,2-6.

[3] Ascensão de Isaías 5,1-16. Essa informação, possivelmente legendária, aparece também em outros escritos, tanto judaicos quanto cristãos.

A segunda fase da atividade de Isaías é aquela do reinado de Acaz. Esse rei sobe ao trono por volta de 735 a.C., provocando uma mudança política em Judá. No contexto geopolítico internacional, a Assíria tornara-se uma ameaça constante para todos os pequenos reinos que lhe eram próximos. O Reino de Israel já fora subjugado, mas tentava uma revolta contra o domínio assírio. Faceia, rei de Israel, e Rason, rei de Aram, querem formar uma aliança de pequenos reinos para enfrentar a grande potência. Em Judá, Acaz se recusa a entrar na coalizão. Os dois reis planejam, então, destituir Acaz e pôr em seu lugar um rei que lhes fosse favorável. Eles marcham contra Jerusalém. O rei e os habitantes de Jerusalém tremem de medo. Acaz quer pedir socorro à Assíria (Is 7,1-2).

Isaías procura Acaz e tenta persuadi-lo a não temer, a não procurar a Assíria e a confiar em YHWH. É nesse contexto político que se dá o encontro de Isaías com o rei, relatado em Is 7. Isaías faz um apelo ao rei e ao povo para que mantenham a confiança, expresso numa frase que joga com um duplo sentido do verbo 'MN em hebraico: *acreditar* e *manter-se firme* (Is 7,9). E, embora Acaz não queira, YHWH lhe dá um sinal de que realizará o que está prometendo. O sinal é o da jovem (*'almāh*, no texto hebraico) que concebeu e está para dar à luz um filho.

Acaz não vai ouvir Isaías e vai procurar a Assíria (2Rs 16,7-9). Judá torna-se, então, um reino vassalo da Assíria, o que lhe permitiu continuar existindo e lhe proporcionou certo desenvolvimento econômico e cultural sob a dominação (ZABATIERO, 2013, p. 126). À vista disso, Isaías anuncia que aquilo que o rei e o povo pensam ser o remédio imediato para seus males, é antes o veneno que mata a longo prazo. Numa série de oráculos, Isaías fala de devastação: é a devastação que a passagem do exército assírio provocou em toda a região: Is 7,18-25 (plantações transformadas em matagais); Is 8,1-4 (o nome simbólico do segundo filho de Isaías); Is 8,5-10 (a parábola de Siloé e do Eufrates). Depois disso, Isaías teria se retirado da cena pública e teria passado a se dedicar à formação de um grupo restrito de discípulos com os quais continuará aprofundando o tema da confiança em YHWH: Is 8,11-20.

Dessa época de retiro, viriam os dois principais poemas messiânicos de Isaías. O primeiro teria sido composto por ocasião da invasão do Reino de Israel pelo exército assírio (Is 8,21-23). O poema vem a seguir, em Is 9,1-6. O segundo teria sido composto alguns anos depois, quando a campanha do exército assírio chega ao Reino de Judá (Is 10,28-34). O poema está na sequência: Is 11,1-9. Desta época devem provir outros oráculos espalhados entre os capítulos 9 e 12 do livro de Isaías.

A terceira fase da atividade de Isaías é aquela do rei Ezequias, que começou a reinar por volta do ano 716 a.C. Com Ezequias vai acontecer uma reviravolta na política em Judá, uma vez que ele não continuou a política de submissão à Assíria de seu pai Acaz (2Rs 18,1-8) (SOUZA, 2018, p. 71). Ezequias encontrou resistência dentro de seu próprio reino para manter sua política de independência frente à Assíria e ao Egito, as duas grandes potências da época. Um de seus mais importantes apoios veio de Isaías, que se pronunciou a favor do jovem rei, criticando os que proclamavam políticas de alianças (Is 31).

Diante desses acontecimentos, Isaías continuou suas reflexões a respeito dos tempos messiânicos. É possível que ele tenha visto em Ezequias alguém capaz de realizar, ao menos em parte, as esperanças messiânicas. Os oráculos messiânicos dessa época estão em Is 29,15-24; 32,1-5.15-20. Todavia, também nessa época, Isaías se mostra pronto para denunciar as injustiças que são cometidas em Jerusalém (Is 29,13-14; 32,6-8).

A resposta assíria à pretensão de independência de Ezequias não tardou a chegar. Um poderoso exército, comandado por Senaquerib, em campanha em direção ao ocidente, percorre Judá, apoderando-se da cidade de Laquis, que transforma em sua base de operações. De acordo com Pixley (1989, p. 64), essa expedição teria reduzido o território do reino de Judá a Jerusalém e seus arredores.

De Laquis, começam as difíceis negociações entre Senaquerib e Ezequias (2Rs 18,13-37) e novamente Isaías proclama a não capitulação diante da potência assíria (2Rs 19,1-7). Em um longo oráculo, Isaías anuncia que Jerusalém não será destruída (2Rs 19,20-34). De fato, um mal súbito atingiu o acampamento assírio, e Senaquerib se viu obrigado a se retirar para Nínive (2Rs 19,35-37) (CAZELLES, 1986, p. 178-180). Os relatos do livro dos Reis que contam esses episódios têm seus paralelos em Is 36–37.

A Bíblia conta ainda dois episódios envolvendo Isaías e Ezequias. O primeiro é o relato de uma enfermidade do rei e sua cura (Is 38,1-20; 2Rs 20,1-11). O segundo é o relato da acolhida que Ezequias dá a uma embaixada do rei da Babilônia e a reprimenda que Isaías faz ao rei: no futuro, o reino de Judá, que não foi destruído pela Assíria, será destruído pela Babilônia, o novo império que está para surgir (Is 39,1-8).

O fim do reinado de Ezequias é narrado no livro dos Reis: 2Rs 20,20-21. Quanto ao fim dos dias de Isaías, nada se sabe. Há, contudo, um oráculo comumente chamado de Testamento de Isaías, que aponta vários pontos essenciais do que foi sua pregação: Is 30,8-17. Nesse oráculo, encontra-se uma das mais conhecidas sentenças de Isaías:

> "Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh, o Santo de Israel:
> Na conversão e na calma estava a vossa salvação,
> Na tranquilidade e na confiança estava a vossa força,
> Mas vós não o quisestes!" (Is 30,15).

Como se pode perceber, Isaías teve uma atuação política junto a quatro reis de Judá. Nos tempos de Ozias e Joatão denunciou as injustiças que eram praticadas na cidade e o culto vazio que era realizado no Templo. Nos tempos de Acaz e Ezequias, defendeu o não alinhamento do pequeno reino de Judá com o grande império Assírio. Senaquerib tinha um exército mais que poderoso para massacrar Jerusalém, mas não chegou a fazê-lo. Confirmou-se a intuição de Isaías de que a cidade não seria destruída. Ao rei e ao povo somente uma coisa era exigida: confiar somente em YHWH, porque "se não o crerdes, não vos mantereis firmes" (Is 7,9c).

3 Jeremias e a experiência de morte de Jerusalém

Jeremias era natural de Anatot (6 km ao norte de Jerusalém), de uma família de sacerdotes (Jr 1,1). Essa família sacerdotal era descendente de Abiatar, sacerdote afastado de Jerusalém por Salomão (1Rs 2,26-27), por ter se alinhado ao partido favorável a Adonias como sucessor de Davi.

Jeremias viveu nos tempos dos reis Josias, Joaquim, e Sedecias, até a deportação (Jr 1,2-3). Devem-se incluir nessa lista os nomes de Joacaz e Joaquin (Jeconias), que reinaram por períodos bastante breves, e o nome do governador Godolias, deixado no país após a deportação.

Josias foi um rei exemplar. Seu longo reinado (640-609 a.C.) foi marcado por uma profunda reforma religiosa, caracterizada pela centralização do culto no Templo de Jerusalém (2Rs 22,1–23,27) (PIXLEY, 1989, p. 75). Muitos santuários locais foram destruídos, o que, certamente, desagradou os que viviam em torno desses santuários: sacerdotes, comerciantes e mesmo parte da população. É possível que um dos resultados de sua reforma tenha sido uma diminuição da prática religiosa entre o povo.[4]

No plano internacional, foi a época da transição da hegemonia assíria à hegemonia babilônia. Quando já se sentia enfraquecida, a Assíria procurou uma aliança com o Egito para fazer frente ao crescente poderio babilônio, mas em 612 a.C., o exército babilônio conquistava Nínive, a capital assíria.

Josias tentou se aproveitar dessa situação, conseguindo anexar parte do antigo território de Israel ao reino de Judá. Também o Egito quis se aproveitar da situação, procurando alastrar sua influência em direção ao oriente. Numa campanha militar, o faraó Necao abriu passagem pelo território de Judá. Josias tentou impedi-lo e, logo no primeiro combate, foi morto. Foi esse o fim de seu reinado (2Rs 23,28-30).

Depois de Josias, reinou seu filho Joacaz. Foi um breve reinado, de apenas três meses. Por esse tempo, o Egito dominava Judá. O faraó destituiu e aprisionou Joacaz e colocou sobre o trono em seu lugar, seu irmão Eliacim, mudando seu nome para Joaquim (2Rs 23,31-35).

Durante o reinado de Joaquim (609-598), os egípcios foram derrotados pelos babilônios, que também impuseram sua dominação sobre Judá. Enquanto os babilônios estavam ocupados em dominar o Egito, Joaquim tentou se libertar, mas foi vencido por um exército enviado pelo rei da Babilônia, formado por caldeus, arameus, moabitas e amonitas. Depois de conquistar o Egito, a Babilônia se voltou contra Jerusalém. Nesse ínterim, morre o rei Joaquim e sobe ao trono seu filho Joaquin (Jeconias) (2Rs 23,36–24,7).

Para Judá, começa um período de grande turbulência. Em 597 a.C., acontece o primeiro cerco a Jerusalém e o rei Joaquin, que estava no poder há apenas três meses, é deposto e levado para a Babilônia com parte da elite de Jerusalém. Em seu lugar, é colocado seu tio Sedecias (2Rs 24,8-17) (PIXLEY,1989, p. 80-81). Essa primeira deportação deveria ter servido para mostrar a vulnerabilidade de Jerusalém. Continuava, contudo, existindo, em Jerusalém, a crença de que a cidade conseguiria se livrar do domínio babilônio. Por seu lado, Jeremias via na rendição ao poderio babilônio a única possibilidade de sobrevivência para Jerusalém (Jr 21,1-10).

Sedecias (597-587) parece ter sido um rei que não conseguiu impor-se. Entre aqueles que já haviam sido deportados para a Babilônia começavam a surgir ideias de libertação. Essas ideias também tomam conta de Jerusalém, incentivando a revolta contra Nabucodonosor. Sedecias cede ao partido dos que queriam a sublevação contra a Babilônia. Nabucodonosor prepara a represália contra Jerusalém. Jeremias ainda insiste em uma rendição, mas não é ouvido (Jr 37,1-10; 38,14-28). Em 589 a.C., Nabucodonosor vem com seu exército para abafar a revolta. Em 586 a. C., o Templo é saqueado, Jerusalém é destruída e o reino de Judá desaparece (2Rs 24,18—25,21) (SILVA, 2019).

[4] A respeito do que tenha sido a centralização do culto na época de Josias, Zabatiero (2013; p. 172) identifica duas tendências: ou um ato especificamente religioso, ou primariamente um ato político. Sua apresentação de como tem sido interpretada tal centralização e sua vinculação (e em que medida) ao código deuteronômico, pode ser vista em *Uma história cultural de Israel* (ZABATIERO, 2013, p. 172-176).

De fato, Judá tornou-se uma província do império babilônio e Godolias foi nomeado seu governador. A sede do governo foi colocada em Masfa. Mas, logo, durante uma revolta, Godolias foi assassinado e a população que estava com ele fugiu para o Egito (2Rs 25,22-26) (PIXLEY, 1989, p. 81).

Jeremias acompanhou todos esses acontecimentos. Ainda jovem, ele recebe de YHWH a missão de ser profeta. O relato de sua vocação está em Jr 1,4-19. Esse relato não deixa dúvida: Jeremias é chamado para ser profeta de YHWH. Por seu lado, ele sente medo, "não um medo da mensagem, mas das pessoas" (SICRE DÍAZ, 2008, p. 116) às quais é enviado.

Durante muito tempo, ele irá desempenhar sua missão (Jr 25,3). Não é fácil datar seus oráculos, ainda mais porque o livro de Jeremias passou por um complexo processo de formação. As diferenças entre o texto hebraico e o texto grego do livro são prova dessa complexidade.

Em uma primeira época, pode-se situar a mudança de Jeremias de Anatot para Jerusalém, durante o reinado de Josias. Não se sabe se Jeremias foi ou não favorável à reforma de Josias. Segundo o testemunho de 2Cr 35,25, Jeremias teria sido favorável a Josias, mas não foi ao profeta Jeremias que Josias recorreu para confirmar sua reforma, mas sim à profetisa Hulda (2Rs 22,11-20). Outro dado que se pode levar em consideração é que Jeremias foi protegido pela família de Safã, um dos promotores da reforma, e ainda que, no momento da segunda deportação, ele preferiu ficar com o governador Godolias, que era neto de Safã (2Rs 22,3-10; 25,22; Jr 39,14; 40,1-6). De um modo geral, identificam-se os oráculos de Jr 1–6 como sendo desse período.

A segunda etapa da pregação de Jeremias foi durante o reinado de Joaquim. Dessa época, é possível apontar vários oráculos, alguns dos quais estão emoldurados em episódios relacionados com a vida do profeta. Eis alguns exemplos:

a) Um oráculo contra o Templo de Jerusalém (Jr 7,1-15), que deve ter provocado fortes reações contra o profeta. Ele se repete em Jr 26. Essa posição tomada por Jeremias parece ter-lhe custado impopularidade em Jerusalém;
b) Um oráculo contra Jerusalém com a reação que suscitou (Jr 19,1–20,6). Esse oráculo começa com uma ação simbólica e termina com uma profecia de Jeremias contra o sacerdote Fassur;
c) Um oráculo colocado por escrito por Baruc, secretário de Jeremias, e lido no Templo. O oráculo, sua leitura e as reações que provocou são contados em Jr 36;
d) Uma visita de Jeremias aos recabitas e um oráculo de salvação dirigido a eles (Jr 35);
e) Uma série de oráculos contra os reis Joacaz, Joaquim e Joaquin (Jr 22,10-30).

A terceira etapa da atuação de Jeremias foi durante o reinado de Sedecias. Dessa época, seriam os seguintes oráculos e relatos:

a) A visão das duas cestas de figos em Jr 24,1-10, que mostra o profeta mais favorável aos exilados da primeira deportação que àqueles que permaneceram no país;
b) Uma carta enviada aos exilados: Jr 29,1-20, dizendo que o exílio será longo e que a desgraça será ainda mais severa para os que ficaram no país. Essa carta provocou a ira de Semeías que escreveu ao sacerdote Sofonias pedindo punição a Jeremias;

c) Por ocasião de uma tentativa de coalizão entre vários pequenos reinos para fazer frente à Babilônia, Jeremias realiza um gesto simbólico para profetizar que todos aqueles povos tinham sido entregues por YHWH nas mãos do rei da Babilônia (Jr 27,1-11). Essa mesma mensagem, ele a dirige ao rei Sedecias (Jr 27,12-15), aos sacerdotes e ao povo (Jr 27,16-22);
d) Por causa dessas questões, Jeremias entra em confronto com o profeta Hananias (Jr 28). No confronto, Jeremias propõe um desafio a Hananias: é possível ao profeta anunciar a paz? Em que condições?

Muito envolventes, no livro de Jeremias, são os relatos dos dias que antecederam a tomada de Jerusalém, cheios de tensão. São desse período uma profecia dirigida a Sedecias, anunciando a devastação de Jerusalém (Jr 34,1-7), um episódio relacionado à libertação e à retomada dos escravos em Jerusalém e a posição que Jeremias tomou nessa ocasião (Jr 34,8-22) e uma consulta que Sedecias mandou fazer a Jeremias (Jr 37,3-10). Jeremias quer sair da cidade para tratar de um caso de herança, é denunciado por traição, preso na casa do escriba Jônatas e libertado por Sedecias (Jr 37,11-21). Em seguida, Jeremias é acusado de desencorajar o povo e, em represália, é jogado numa cisterna (Jr 38,1-6). Ele é salvo com a ajuda de um funcionário do rei (Jr 38,7-13). O rei manda chamá-lo e Jeremias, pela última vez, tenta persuadi-lo a capitular diante de Nabucodonosor (Jr 38,14-28). Quando se dá o fim do cerco com a devastação de Jerusalém, Jeremias está no pátio da guarda. Graças a um favor especial, ele foi libertado de sua prisão (Jr 39,1-14). No meio do povo, Jeremias é conduzido com os outros exilados, mas, novamente é agraciado e pode decidir seu próprio destino (Jr 40,1-6).

A última parte da vida de Jeremias é aquela depois da queda de Jerusalém. O profeta escolhe ficar com os habitantes do país. No entanto, uma rebelião entre o povo vai terminar com o assassinato do governador Godolias, nomeado pela autoridade babilônia. Com medo de novas represálias, a população decide fugir para o Egito. Consultado, Jeremias desaconselha a fuga, mas não é ouvido. Ainda pior: é forçado, também ele, a partir para o Egito. Lá, Jeremias irá proferir seus últimos oráculos (Jr 40—43). A ida de Jeremias ao Egito é o ato final de sua tragédia pessoal: ele refaz o caminho do êxodo, mas em direção inversa e, impedido de conduzir a si mesmo, é levado pelo povo como um Moisés às avessas.

Terminado esse percurso histórico, é o momento de voltar a alguns traços de Jeremias que foram deixados de lado até aqui e que fazem dele um profeta capaz de provocar perplexidade. Primeiro: Jeremias foi um profeta não somente de oráculos. Ele também realizou diversos gestos proféticos. Eis alguns deles: a argila nas mãos do oleiro (Jr 18,1-12); a canga que usou em seu pescoço (Jr 27—28), a compra de um terreno em tempo de guerra (Jr 32,6-15). Jeremias não se casou (Jr 16,1-4) e até mesmo sua vida celibatária é uma mensagem de YHWH.

Deus fez de Jeremias uma fortaleza. Ele, porém, forte diante das pessoas – uma coluna de ferro – sentia-se frágil diante de Deus. Em sua solidão com Deus, Jeremias expunha suas queixas. Sua vocação, no entanto, estava garantida porque ele se sentia seduzido por Deus. Jeremias deixou cinco poemas que testemunham sua intimidade com Deus: Jr 11,18–12,3; 15,10-21; 17,14-18; 18,18-23; 20,7-18. Neles, Jeremias "assume atitude de reserva em relação à sua vocação e propõe a Deus as questões mais radicais" (AUNEAU, 1992, p. 239).

Jeremias enfrentou vários conflitos em sua vida. Sua palavra incomodava e, por isso, ele não era bem-quisto. Ele entrou em atrito com os profetas (por exemplo: Jr 29,8-9), com os reis (por exemplo: Jr 22,13-19), e até com todo o povo ao denunciar

suas falsas seguranças (por exemplo Jr 7,1-15). Em seu conflito com os profetas, Jeremias coloca a aguda questão da possibilidade de o profeta anunciar a paz (Jr 14,13-16). Jeremias foi perseguido por seus conterrâneos (Jr 11,18-23), foi açoitado no Templo de Jerusalém (Jr 20,1-6), uma vez ficou preso num calabouço (Jr 37,11-21), e outra vez foi lançado numa cisterna cheia de lodo (Jr 38,1-13).

Um elemento que pode passar desapercebido no livro de Jeremias é a proibição que YHWH impõe ao profeta de interceder em favor do povo (Jr 7,16-20; 14,10-12; 15,1-2; 37,3; 42,1-3). Nesse ponto, Jeremias se aproxima de Amós: eles anunciam um julgamento cuja sentença já foi proferida. Mas, em contrário, ver 2Mc 15,14.

No livro de Jeremias, também há oráculos de salvação. Jr 30-31 agrupam vários desses oráculos e são chamados de Livro da Consolação. Dentre eles, está o oráculo da nova aliança, quando Deus escreverá a lei nos corações e ninguém mais terá que instruir ninguém (Jr 31,29-34). Esses versículos são importantes para a teologia de Jeremias, quanto à salvação, na qual se destacam dois elementos: a responsabilidade individual e a interiorização da Lei.

Jeremias presenciou o cerco e a destruição da cidade. Sobre essa experiência, Mesters (1992, p. 132) escreveu: "Neste homem tão sofrido e tão solitário, o povo pobre, lutador e sofredor, reencontrava algo de si, do seu ideal. Jeremias, lutando e sofrendo, passou pelo mesmo caminho por onde o povo passava. Por isso, tudo o que ele fazia tinha um significado para os pobres". E ainda tem.

A situação política de Jerusalém nas épocas de Isaías e de Jeremias são muito semelhantes. No tempo de Isaías, a cidade foi sitiada por Senaquerib, general assírio; no tempo de Jeremias, por Nabucodonosor, general babilônio. Diante da iminência da invasão da cidade, Isaías conclamou o rei e o povo à confiança; a tragédia não iria acontecer. De acordo com Gonçalves (1995, p. 297, tradução minha), as posições de Isaías em matéria de política internacional "são de uma coerência implacável, e de um irrealismo absoluto". Diante da iminência da mesma situação de perigo, Jeremias conclamou o rei o povo a render-se para evitar um mal ainda maior. No tempo de Isaías, a cidade não foi invadida; no tempo de Jeremias, a cidade foi arrasada.

4 Ezequiel e as promessas de reconstrução de Jerusalém como cidade harmoniosa

Ezequiel estava entre os exilados da primeira deportação feita por Nabucodonosor (597 a.C.). Portanto, sua época histórica é a mesma que a de Jeremias. No entanto, enquanto Jeremias viveu as duas invasões de Jerusalém na própria cidade, Ezequiel viveu apenas a primeira. E ainda: o final do livro de Ezequiel já retrata outra época, na qual se descortina a possibilidade da volta dos exilados e da reconstrução de Jerusalém.

O grupo dos primeiros exilados, entre os quais esteva Ezequiel, vive antecipadamente uma experiência que irá atingir uma porção maior da população. A experiência do exílio implica em perda não apenas dos meios materiais de subsistência, sobretudo a terra, mas também das referências culturais e religiosas, muito embora, os diversos grupos étnicos exilados pudessem continuar vivendo juntos. No âmbito da teologia, a primeira questão que se coloca é quem é YHWH. É ele comparável aos deuses do panteão babilônio? Teria YHWH abandonado seu povo? Visto por outro ângulo, essas questões fazem pensar a história teologicamente.

Em Ez 1,1-3, há uma mescla de duas introduções ao livro de Ezequiel. A primeira deveria ser os vv. 2-3. Por ela, sabe-se quem é o profeta, quando viveu e onde viveu. Ezequiel foi um sacerdote e, no exílio, esteve na região do rio Cobar. Já pelas informações do v. 1, percebe-se outros dois traços importantes desse livro: em sua maior parte ele será uma narrativa em primeira pessoa, e estará na fronteira dos gêneros literários profético e apocalíptico, como se nota pelo uso da expressão "visões de Deus".

O livro de Ezequiel aparece mais bem organizado que a maioria dos livros proféticos. Podem-se destacar, nesse livro, as seguintes partes:

- Introdução (Ez 1–3);
- Profecias antes do cerco de Jerusalém (Ez 4–24);
- Oráculos contra as nações (Ez 25–32);
- Profecias por ocasião do cerco de Jerusalém (Ez 33–39);
- Projetos do profeta para o futuro (Ez 40–48).

No começo do livro, está a visão do carro de YHWH, que começa em Ez 1,4-28. É o carro que transporta a Glória de YHWH (Ez 1,27-28). O tema da Glória de YHWH que habita no Templo é o pano-de-fundo desses primeiros capítulos de Ezequiel. Em Ez 2,1, a visão do carro se interrompe e vem um longo relato da vocação do profeta (Ez 2,1–3,21). Esse relato pode ser assim dividido:

a) A ambientação na qual aparece o vocativo "filho do homem" com o qual Ezequiel é interpelado por YHWH (Ez 2,1-2);
b) O envio do profeta a uma geração de rebeldes (Ez 2,3-7);
c) A visão do livrinho que o profeta deve comer (Ez 2,8–3,3);
d) O profeta enviado à casa de Israel (Ez 3,4-11);
e) A ligação do relato de vocação com a visão do carro de YHWH (Ez 3,12-13);
f) O profeta enviado aos exilados (Ez 3,14-15);
g) O profeta colocado como atalaia para a casa de Israel (Ez 3,16-21).[5]

A partir de Ez 8, o profeta começa a profetizar o cerco de Jerusalém, tanto com gestos simbólicos quanto por palavras. Ele começa a narrar a partida da Glória de YHWH que deixa o Templo. No capítulo 8, são descritos os diversos cultos a diversos deuses que eram praticados no Templo de Jerusalém. No capítulo 9, aparece a figura do escriba com seu estojo que marca a fronte dos que não se conformam com as violências que são cometidas na cidade. De modo figurado, essa imagem refaz a do sangue do cordeiro nos umbrais das casas dos hebreus na noite da passagem do anjo exterminador pela terra do Egito. Aqui, porém, não são as casas marcadas, mas sim as pessoas.

Em Ez 10,18-22 e 11,22-25, está o relato da partida da Glória de YHWH do Templo e da cidade de Jerusalém. Entre esses dois relatos, estão uma denúncia dos crimes que se praticam em Jerusalém (Ez 11,1-13) e uma controvérsia se os que foram exilados na primeira deportação estão longe de YHWH (Ez 11,14-21). Novamente, em linguagem simbólica, Ezequiel toca em questões teológicas: YHWH é um deus ligado a um território? Quem está perto e quem está longe de YHWH?

[5] Para Sicre DÍAZ (2008, p. 117-119), o relato da vocação de Ezequiel abrange Ez 2,3–3,11, e tem como parte central 2,8–3,3, quando é dado ao profeta o livrinho para que ele o coma.

No conjunto das profecias de Ezequiel, há lugar para as denúncias contra os profetas e as profetisas que desencaminham o povo (Ez 13). Há também lugar para a denúncia contra os pastores que não se importam com o rebanho (Ez 34,1-10). No lugar dos maus pastores, YHWH mesmo passará a cuidar do rebanho (Ez 34,11-16). No entanto, visto que, no livro de Ezequiel, a figura do pastor tem as características do Messias, YHWH promete um novo rebanho e um novo pastor (Ez 34,17-31).

O fato de Ezequiel ser sacerdote transparece em suas profecias a respeito do Templo de Jerusalém. Mas não só. Faz parte de seu universo as preocupações com o puro e o impuro, a fidelidade a YHWH e a idolatria que se revela no culto a outros deuses. Há três capítulos no livro de Ezequiel que contém histórias simbólicas que retratam a idolatria como prostituição: referindo-se a Jerusalém (Ez 16), referindo-se a Israel (Ez 20), e referindo-se a Jerusalém e Samaria (Ez 23). À idolatria, junta-se a prática da injustiça: "a idolatria é apenas uma face da alienação de Israel; a outra é a injustiça social: elas são inseparáveis (8,17)" (PONS, 2013, p. 511).

Uma das passagens mais importantes e conhecidas do livro de Ezequiel é quando ele profetiza aos ossos ressequidos para que tornem à vida (Ez 37,1-14). Esse oráculo teria sido proferido com a finalidade de reavivar a esperança no povo (ROSSI, 2006, p. 57-58). Nesse sentido, representa uma virada no livro de Ezequiel, em direção a seu final, repleto de esperança. Essa esperança, contudo, não vem de uma vã segurança, senão unicamente da escuta da palavra de YHWH pronunciada por intermédio do profeta a um povo que está como morto, para que saia de seus túmulos.

O final do livro de Ezequiel traz uma série de visões do profeta a propósito do novo Templo. Elas começam em Ez 40,1-4. Uma vez que o Templo estiver reconstruído (Ez 40,5–42,20), para lá voltará a Glória de YHWH (Ez 43,1-12). Então, o culto será reorganizado (Ez 43,13–44,31). Depois, começará a partilha da terra, a retomada das festas e a reorganização da sociedade (Ez 45–48). Nessas visões, merece destaque a visão da fonte que, saindo do Templo, torna-se uma torrente e leva vida por onde passa (Ez 47,1-12). O livro de Ezequiel termina com uma descrição mítica da cidade de Jerusalém (Ez 48,30-35). Para Asurmendi (1992, p. 273), "[a] última parte do v. 35 contém o essencial da mensagem do profeta: "O SENHOR ESTÁ ALI". É o nome que a cidade terá daí por diante".

Ezequiel foi contemporâneo de Jeremias, mas os acontecimentos fizeram com que eles fossem levados para direções opostas: Jeremias para o Egito, a sudoeste; Ezequiel para a Mesopotâmia, a nordeste. O contraste maior entre os livros que levam os nomes desses dois profetas, no entanto, é o modo como terminam. O trágico final do livro de Jeremias, com o profeta sendo levado para o Egito deixa seu leitor no mais completo vazio. Os capítulos finais do livro de Ezequiel são tomados pela esperança da reconstrução de Jerusalém, uma cidade na qual até as medidas arquitetônicas são perfeitas e harmoniosas.

5 Considerações finais

Dos três profetas apresentados, o que esteve menos próximo da figura do rei foi Ezequiel. Os outros dois, Isaías e Jeremias, estavam próximos, sendo, em algumas ocasiões, procurados pelo rei. Política, no entanto, não se faz apenas diante de reis, faz-se também em face do povo. O povo não é uma massa de pessoas iguais. Nele, há ricos e

pobres, sacerdotes e nobres que frequentam a corte e pessoas que lá nunca estiveram. Do mesmo modo, a palavra dos profetas não é igual para todos.

Na língua portuguesa, a palavra política vem do grego *pólis*, cidade. Etimologicamente, a política está relacionada à vida na cidade. Para os três profetas antes apresentados a cidade era Jerusalém.

Isaías, com seus oráculos de que YHWH protegeria a cidade das invasões dos inimigos, teria contribuído para criar a crença da inviolabilidade de Jerusalém. Ele, contudo, referiu-se à proteção da cidade em duas ocasiões. A primeira foi no tempo de Acaz, por ocasião da guerra siro-efraimita; a segunda foi por ocasião do cerco de Senaquerib à cidade. Não disse mais do que isso. Ora, se, de fato, houve tal crença, Jeremias se encarregou de acabar com ela. Jerusalém seria arrasada, como foi realmente, por Nabucodonosor e seu exército. Para minimizar as perdas, o melhor, de acordo com Jeremias, era capitular diante do invasor. Para o sacerdote profeta Ezequiel, a glória de YHWH não pode continuar habitando em uma cidade onde se pratica tanta violência e ele descreve sua partida do Templo e de Jerusalém em uma narrativa ornada de traços apocalípticos. Nos últimos capítulos do livro que leva seu nome, estão seus oráculos sobre a cidade renovada, onde tudo é harmoniosamente perfeito. Esses oráculos de Ezequiel serviram de inspiração para o autor do Apocalipse criar sua própria imagem da cidade noiva, a Jerusalém celeste.

O que haveria em comum entre esses três profetas e seus posicionamentos a respeito de Jerusalém é que eles anunciaram que a salvação para a cidade estava na fidelidade à palavra de YHWH, da qual eles eram porta-vozes, e na prática da justiça. O que há em desacordo diz respeito ao discernimento que eles fizeram da situação pela qual a cidade passava na época de cada um deles. Discernimento começa com visão. É preciso bem ver.

Antigamente, em Israel, quando alguém ia consultar a Deus, dizia:

> "'Vamos ao vidente', porque, em vez de 'profeta',
> como hoje se diz, dizia-se 'vidente'" (1Sm 9,9).

Referências

ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas I*: Isaías, Jeremias. Tradução Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 2004. 2ª edição.

ASCENSÃO de Isaías. *In:* SPARKS, Hedley Frederick Davis. Apócrifos do Antigo Testamento. *Revista Bíblica Brasileira,* Fortaleza, v. 17, número especial 1-2-3, 2000.

ASURMENDI, Jesús Maria. Ezequiel. *In:* AMSLER, Samuel; ASURMENDI, Jesús Maria; AUNEAU, Joseph; MARTIN-ACHARD, Robert. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 251-299.

AUNEAU, J. Jeremias. In: AMSLER, S.*;* AMSLER, Samuel; ASURMENDI, Jesús Maria; AUNEAU, Joseph; MARTIN-ACHARD, Robert. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 184-247.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CAZELLES, Henri. *História política de Israel*: desde as origens até Alexandre Magno. São Paulo: Paulus, 1986.

GONÇALVES, Francolino J. Isaïe, Jérémie et la politique internationale de Juda. *Biblica*, Roma, v. 76, n. 2, p. 282-298, 1995.

MARTIN-ACHARD, Robert. Isaías. In: AMSLER, S.*;* AMSLER, Samuel; ASURMENDI, Jesús Maria; AUNEAU, Joseph; MARTIN-ACHARD, Robert. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 90-111.

MESTERS, Carlos. *O profeta Jeremias*: boca de Deus, boca do povo. São Paulo: Paulinas, 1992.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989.

PONS, Jacques. Ezequiel, Livro. *In:* DICIONÁRIO enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas, 2013. p. 509-513.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Como ler o livro de Ezequiel*: o profeta da esperança. São Paulo: Paulus, 2006.

SICRE DÍAZ, José Luís. *Profetismo em Israel*: o profeta, os profetas, a mensagem. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Airton José da. *Os últimos dias de Judá.* Disponível em: https://airtonjo.com/site1/historia-16.htm. Acesso em: 15 maio 2023.

SOUZA, Mario de Mello. *História de Israel*. São Leopoldo: EST, 2018.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Uma história cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013.